

## PAPEL DO PROFESSOR COMO MEDIADOR NA FORMAÇÃO DO LEITOR

BORGES, Marlene Silva<sup>1</sup>  
SOUZA, Ester Maria de Figueiredo<sup>2</sup>  
SANTOS, Emiliana Oliveira Rocha dos<sup>3</sup>  
SILVA, Soane Santos<sup>4</sup>  
OLIVEIRA, Juscilene Silva<sup>5</sup>

**RESUMO:** O presente artigo tem como objetivo discutir a realidade encontrada nas escolas, principalmente nas de Ensino Fundamental, que é a dificuldade de expressão nas modalidades oral e produção escrita dos alunos, bem como a dificuldade de vivenciar os textos literários. Os textos escritos analisados foram produzidos por crianças com idade de oito e nove anos no terceiro ano do Ensino Fundamental (EF), em uma turma de trinta e dois alunos. São crianças que estuda numa escola da rede pública no município de Itapetinga. Ao utilizar o trabalho com os diversos gêneros textuais, a escola contribuirá para uma nova perspectiva no processo de leitura, de escrita e de produção textual, tornando o aluno um leitor e escritor competente e crítico.

**Palavras-chave:** Ensino Fundamental. Leitura. Produção Textual.

**ABSTRACT:** The present article aims to discuss the reality found in schools, especially in Elementary School, which is the difficulty of expression in the oral modalities and written production of students, as well as the difficulty of experiencing literary texts. The written texts analyzed were produced by children aged eight and nine years in the third year of Elementary School (EF), in a class of thirty-two students. They are children who study at a public school in the municipality of Itapetinga. By using work with the various textual genres, the school will contribute to a new perspective in the process of reading, writing and textual production, making the student a competent and critical reader and writer.

**Keywords:** Elementary Education. Reading. Textual Production.

<sup>1</sup> Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (2009). Especialista em Educação Infantil pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (2010). Mestranda do Curso de Mestrado em Educação pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- UESB (2018), marlene.gi30@hotmail.com.

<sup>2</sup> Professora Plena do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários (DELL), do Mestrado em Educação (PPGED), do Mestrado em Letras (PPGCEL/UESB) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Líder do Grupo de Pesquisa Linguagem e Educação (GPLeD/UESB/CNPq). Doutora em Educação e pós-doutora em Linguística.

<sup>3</sup> Mestranda do Curso de Mestrado em Educação pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- UESB (2018), emiliana\_oliveira\_rocha@hotmail.com.

<sup>4</sup> Mestranda do Curso de Mestrado em Educação pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- UESB (2018), soanesilva@hotmail.com.

<sup>5</sup> Mestranda do Curso de Mestrado em Educação pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- UESB (2018), jusciso@gmail.com.

## INTRODUÇÃO

O enfoque do trabalho com a produção escrita na sala de aula, nos primeiros anos do ensino fundamental, é uma atividade que requer domínio de conhecimento didático por parte do docente, bem como de estágios de desenvolvimento cognitivo dos estudantes e sua complexidade como atividade para as aulas.

O presente artigo tem como objetivo analisar a dificuldade de expressão nas modalidades oral e produção escrita dos alunos, bem como as barreiras existentes para vivenciar os textos literários. O lócus da pesquisa são escolas de ensino fundamental no município de Itapetinga, interior da Bahia. Partimos do pressuposto que tais dificuldades poderiam ser reduzidas se a leitura fosse trabalhada nas aulas de forma significativa.

A produção textual é uma atividade complexa, que envolve conhecimentos de diferentes naturezas e que deve ser objeto de ensino. Por isso, consideramos a necessidade de planejamento de diferentes situações didáticas que visem ao ensino e a aprendizagem da produção de textos desde cedo.

Sobre este aspecto Silveira e Drey (2010) afirma que

[...] a introdução dos gêneros do ensino de língua materna, desde os primeiros anos de escolaridade, está relacionada com a autêntica explosão de estudos e pesquisas sobre o tema em geral e sobre os diversos gêneros, nas áreas da lingüística textual e análises do discurso [...] (2010, p. 104).

Santos (2008) corrobora quando aponta que

A prática da produção textual visa formar alunos escritores competentes, aptos a criar textos coerentes, coesos e eficazes. É papel da escola propor aos alunos atividades diversificadas que constituam um desafio a sua criatividade e ao seu desempenho e que permitam desenvolver sua competência escrita (SANTOS, 2008, p. 02).

Ao planejar as aulas de produção textual de forma a atender aos objetivos de desenvolver a competência textual e discursiva dos alunos não se pode perder de vista que “não se formam bons leitores oferecendo materiais de leitura empobrecidos, justamente no momento em que as crianças são iniciadas no mundo da escrita (...)” (PCN’s, 1997, p.36). Esses momentos de leitura e produção precisam ser prazerosos, agradáveis e inesquecíveis para os alunos, caso contrário, podem despertar sentimentos de pavor e repúdio, conseqüências essas que podem afastar o aluno para sempre do mundo da leitura e da escrita.

As atividades de leitura e escrita devem ser voltadas para o aprimoramento do uso da língua. Ao invés de exercícios mecânicos, os alunos devem aprender a ler e produzir textos em situações contextualizadas, “dentre os maiores desafios da escola está a formação de leitores, dado ao fato de que a escola não pode negar o seu papel de formar leitores reflexivos, curiosos e atentos às demandas do cotidiano” (MODL e COSTA, 2017, p. 116).

Ao utilizar o trabalho com os diversos gêneros textuais, a escola contribuirá para uma nova perspectiva no processo de leitura, de escrita e de produção textual, tornando o aluno um leitor e escritor competente e crítico. Conforme Jolibert (1994, p.7) “A aprendizagem da leitura (assim como a da escrita) deve ser realizada em situações reais, onde tenha uma função social concreta, e que a tarefa do aprendiz seja basicamente a de buscar o sentido do texto”, dessa maneira para que os alunos se tornem escritores é preciso ver a sociedade como um todo, para que só assim possa produzir textos que potencialize situações reais e que de fato tenha significado para si.

Sabemos que a escrita faz parte da nossa vida, seja por solicitação a produzir textos, seja porque necessitamos ler textos escritos em diversas situações do cotidiano. Para Silveira e Drey (2010 apud BAKHTIN, 1953; 2003, p. 261) “todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem”, sendo que a comunicação humana é feita em forma de “enunciados”.

Quando se trata de linguagem. É preciso considerar o contexto social que ocorre a enunciação, e não se pode entender a língua como produto acabado a ser transmitido, sendo assim estes enunciados serão adaptados a um certo “estilo de linguagem” que inclui não apenas os recursos da linguagem, como as estruturas gramaticais, vocabulário adequado e também conteúdos específicos.

Segundo Bakhtin (2011), os gêneros do discurso são formas relativamente estáveis e normativas de enunciados, caracterizadas por um conteúdo temático, uma construção composicional e um estilo, das quais nos apropriamos nas relações sociais. Falamos, lemos e escrevemos sempre por meio de gêneros.

Nós aprendemos a moldar o nosso discurso em formas de gênero e, quando ouvimos o discurso alheio, já adivinhamos o seu gênero pelas primeiras palavras, adivinhamos um determinado volume (isto é, uma extensão aproximada do conjunto do discurso), uma determinada construção composicional, prevemos o fim, isto é, desde o início temos a sensação do conjunto do discurso que em seguida apenas se diferencia no processo da fala. Se os gêneros do discurso não existissem e nós não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo do discurso, de



construir livremente e pela primeira vez cada enunciado, a comunicação discursiva seria quase impossível (BAKHTIN, 2011, p.283).

De acordo com o autor, os textos que produzimos, sejam eles orais ou escritos, apresentam um conjunto de características relativamente estáveis de enunciados. Estas características configuram o que ele denomina como diferentes gêneros discursivos.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) declaram que:

A produção de discurso não acontece no vazio. Ao contrário, todo discurso se relaciona, de alguma forma, com os que já foram produzidos. Nesse sentido, os textos, como resultantes da atividade discursiva, estão em constante e contínua relação uns com os outros, ainda que, em sua linearidade, isso não se explicita. A esta relação entre o texto produzido e os outros textos é que se tem chamado intertextualidade (PCNs, 1997, p.26).

Sendo assim, a produção do discurso geram uso sociais que determinam os gêneros que darão sentido aos textos. A criança ao chegar na escola traz um “repertório de comunicação” que já construiu no seio familiar e deve, nesse novo espaço, aprimorá-lo, onde o professor precisa desenvolver atividades que produza resultados positivos sobre o desenvolvimento e a aprendizagem de todos os alunos.

### **ROTEIRO DO PLANO DE AULA UTILIZADO PELA PROFESSORA PARA DESENVOLVER A ATIVIDADE**

#### **OBJETIVOS**

- ✓ Conhecer as influências culturais afrodescendentes;
- ✓ Valorizar a cultura afrodescendente;
- ✓ Construir a relação do passado – presente – futuro;
- ✓ Apontar diferenças e semelhanças.

#### **Conhecimentos prévios trabalhados pelo professor com os alunos:**

- ✓ Ler e interpretar histórias;
- ✓ Opinar sobre a história contada;
- ✓ Ter criatividade em elaborar outra história a partir da que foi apresentada;
- ✓ Ter desenvoltura para dramatizar uma história;
- ✓ Ter noções básicas de temporalidade- ontem, hoje e amanhã.

#### **METODOLOGIA**

A professora inicia a aula lendo e apresentando o livro “As tranças de Bintou” da autora Sylviane A. Diouf. Explorar a capa do livro, pergunta qual a ideia que eles têm sobre o livro. Professora aproveite esse momento para perceber quais informações e conceitos que eles têm acerca do tema. Após a contação da história, a professora fará perguntas orais sobre a história à turma. Deixar que todos participem.

- ✓ Como é o cabelo de Bintou?
- ✓ Quais são as características principais de Bintou?
- ✓ Por que Bintou apresenta tais características?
- ✓ Na sala de aula existe algum colega que apresente tais características?  
Justifique sua resposta.

Entregar a cada criança um molde de um rosto, colado no caderno ou folha de ofício onde deverá desenhar o rosto de Bintou. Depois cada criança registrará na própria folha ou caderno o que entendeu sobre a história “As tranças de Bintou”.

#### **CULMINÂNCIA**

- ✓ Realizar um desfile de roupas e penteados africanos.
- ✓ Música
- ✓ Dramatização
- ✓ Barraca de leitura com livros pendurados.

Quadro 01: plano de aula

Fonte: Arquivo da autora

## **O CONTEXTO DE PRODUÇÃO DOS TEXTOS**

Segundo Drey e Silveira (2010) apud Marcuschi (2008) nos relembra que os estudos acerca dos gêneros textuais não é algo recente, no Ocidente, já tem pelos menos 25 séculos, se levamos em consideração que sua observação sistemática iniciou-se Platão. O autor aponta o que se tem na atualidade é “uma nova visão do mesmo tema”.

Para Drey e Silveira (2010)

[...] Uma vez revigorado o estudo dos gêneros no ambiente acadêmico, dentro de tal visão, ele chegou à educação, através das disposições legais, dos livros didáticos, dos cursos de formação de professores, etc. Nunca é demais lembrar que, historicamente, a escola tomou a si o desenvolvimento – descontextualizado, é verdade! – de alguns (poucos) gêneros muito específicos, ainda que não sob esta denominação. Tal foi o caso da “carta”, cuja estrutura formal foi ensinada a crianças de muitas gerações, e de alguns gêneros da anteriormente chamada “redação técnica”, como “requerimento”, “ata”, etc (2010, p. 103)

Os gêneros textuais na abordagem atual vêm ao encontro de sucessivas mudanças no que tange o ensino da língua materna nos últimos 20 anos em grande parte do mundo ocidental. No Brasil especificamente o discurso passou a preconizar o conhecimento gramatical explícito (gramática formal, nomenclatura gramatical) e o domínio de uma variante culta escrita, para princípios pedagógicos que recomendam a ênfase na leitura, na produção textual e na reflexão sobre a linguagem.

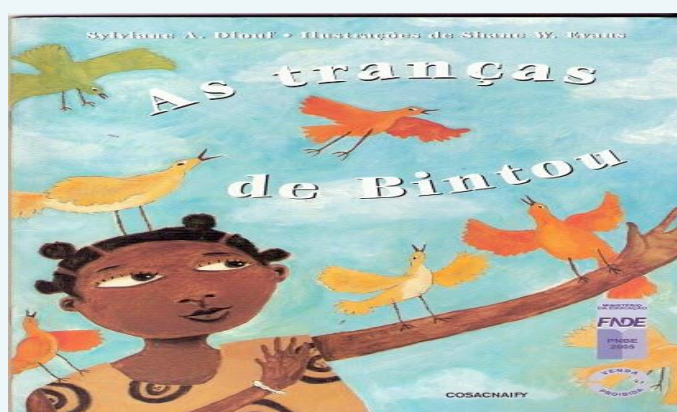
Segundo Drey e Silveira (2010) nas últimas décadas pouco mais de 10 anos, praticamente nenhum material educativo falava em gênero textual. Com relação a este aspecto, podemos lembrar entre as décadas de 80 e 90, ganhou destaque na literatura circulante na área de alfabetização um conjunto de livros que propunham o trabalho com a produção e a leitura de textos a partir de diferentes gêneros e suportes textuais. Algumas abordagens estão evidenciadas por Geraldi (2003) no seu livro seminal “O texto na sala de

aula”, publicado em 1984, que indicavam que a produção de textos na escola devesse se diversificar, atendendo aos “tipos” de textos com circulação social: textos de jornal, etc.

Os textos escritos analisados foram produzidos por crianças com idade de oito e nove anos no terceiro ano do Ensino Fundamental (EF), em uma turma de trinta e dois alunos. São crianças que estuda numa escola da rede pública no município de Itapetinga. As observações aconteceram no dia dezesseis de novembro de dois mil e dezoito no turno matutino.

A atividade proposta junto aos alunos num primeiro momento esteve voltada à prática de produção textual. No início da aula de leitura muitos alunos demonstraram ociosidade e falta de interesse na aula. Na tentativa de vencer esse problema, a professora começou a motivar os alunos através de atividades diversas. Na sequência, conversou com os alunos a respeito do tema que seria abordado na história, a temática foi: “Consciência Negra” e retomou momentos de aulas e situações anteriores fazendo um paralelo com a história “O cabelo de Lelê”, da autora Valéria Belém, que pudessem trazer informações a serem utilizadas no momento da produção textual e fez o seguinte questionamento? Quais os negros que fizeram história? Os alunos falaram nomes de várias pessoas famosas. Depois de ouvir os alunos a professora fez referência a ela e aos alunos que também faz história e relatou a importância da infância. Posteriormente contou a história “As tranças de Bintou”.

Figura 1



Fonte: Acervo do PNLD

O livro conta a história de uma criança chamada Bintou, que sonha em ter tranças. Ela não consegue o que quer, pois segundo os ensinamentos de sua avó, crianças não podem usar tranças, devido a algo ocorrido no passado, onde as crianças que usavam tranças ficavam vaidosas e não queriam fazer amigos e nem brincar, pois só ficavam cuidando dos cabelos e



tornando assim crianças vaidosas, que para a cultura do seu povo era prejudicial, sendo assim, criança só podia usar birotos.

Depois que a professora terminou de contar a história fez os seguintes questionamentos aos alunos. Qual o nome da história? Onde morava? Qual o nome da menina? Fala da cultura da região onde a menina morava? Neste momento ocorreram interação e participação da turma. A participação dos alunos, seus questionamentos, interesses, dúvidas, desejos, expectativas estão, no momento da aula, relacionados com a estratégia que a professora havia utilizado anteriormente, e isto demonstra a importância da leitura de histórias de boa qualidade, consequentemente traz benefícios adicionais para a sala de alfabetização. Pois os alunos passam a gostar de ouvir, despertando o desejo de aprender a lerem por si mesmos e adquirir independência de escolher o tipo de leitura que mais lhes agrada. E essa prática funciona com sucesso quando aplicada diariamente, pois é de extrema importância fazer da leitura uma rotina na sala de aula.

Feito isto, a professora pediu aos alunos pegarem os cadernos, e na sequência entregou um molde de um rosto e pediu para cada aluno desenharem o rosto de Bintou e posteriormente escrever o que entendeu acerca da história. A professora informou que a história precisa ter “início, meio e fim”.

A criação de textos e ilustrações pelos alunos representa uma motivação para o mesmo, além de desenvolver a escrita, a coordenação motora, o imaginário e estabelecer uma ligação entre outras disciplinas.

## **CONHECENDO A PRODUÇÃO ESCRITA DAS CRIANÇAS**

Em relação à produção textual de um modo geral pode-se dizer que os alunos revelam dificuldades que vão desde a diferenciação dos tipos de textos e gêneros textuais, falta de vocabulário elaborado, ortografia, pontuação, acentuação, concordância verbal e nominal, até a falta de leitura para ter um maior conhecimento dos assuntos atuais. Diante destes fatores é necessário dar mais atenção a atividades de letramento, isto é, trabalhar desde muito cedo com os diversos textos e suas funções que circulam socialmente. Goulart (s/a) salienta que “ a escola é o lugar de transformação de conhecimentos pelos novos significados que passam a recobrir o que já se sabia e pelas novas modalidades de saber, logo a escola deve ser um importante lugar de renovação das pessoas que ali estão para aprender” (s/p).

Sendo a escola como uma das principais responsáveis em desenvolver os níveis de letramento dos indivíduos o professor precisa criar estratégias pedagógicas que desenvolva a compreensão leitora dos seus alunos, de forma que possam adquirir habilidades para realizar leituras de modo independente, tornando-se leitores autônomos, “[...] o desafio de formar leitores, cada vez mais competentes, constitui uma das tarefas mais genuínas e fundamentais da escola” (MODL e COSTA, 2017, p.115).

Nesse sentido, Bortoni-Ricardo, Machado e Castanheira (2010) apontam que:

A leitura é uma atividade interdisciplinar, uma vez que é por meio dela que se tem acesso aos conhecimentos de todas as áreas do saber. Sendo assim, para obter sucesso na aprendizagem de quaisquer conteúdos, necessário é desenvolver habilidades para ler textos específicos a eles relacionados. Por isso, a leitura deve ser trabalhada por profissionais de todas as áreas, principalmente se considerarmos a necessidade de serem desenvolvidas estratégias específicas para a leitura de textos que abordam conteúdos específicos (2010, p. 51-52).

A leitura é um recurso que permite a criança apresentar um bom desempenho na produção textual possibilitando atuar de maneira autônoma com competências, transpondo-as para novas situações. Pois, ela faz ver o que o outro disse e como disse, conseqüentemente faz com que se desenvolvam habilidades como um vocabulário mais rico, e maior capacidade de interpretação, expressão de ideias e principalmente criticidade.

Nesse sentido Jolibert (1994) aponta que:

[...] não se ensina uma criança a escrever, é ela que ensina a si mesma (com a nossa ajuda e a de seus pares). Cada criança possui seu caminho próprio; é preciso que ela viva as situações de aprendizagem que lhe permitam ao mesmo tempo ter referenciais constantes e construir suas próprias competências (1994, p.35 – 36).

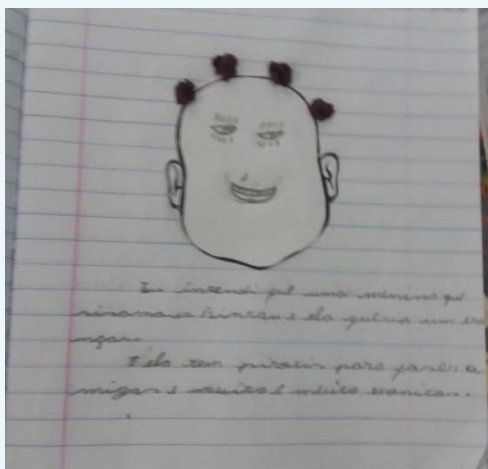
De acordo com Zen (2010)

Os estudos lingüísticos recentes vêm permitindo uma multiplicidade de abordagens e discussões sobre a complexidade que envolve a produção de um texto. É sabido, também, que as práticas pedagógicas afinadas com as concepções “renovadas” de linguagem, texto, produção textual, ao considerarem as peculiaridades desse processo, buscam uma adequação metodológica que incorpore os diferentes aspectos implicados nessas produções escritas (ZEN, 2010, p. 84).

Os quatro textos selecionados tiveram como critério de análise: a organização estrutural do texto, produção escrita com coesão e coerência, pontuação, grafia das palavras e capacidade de compreensão de enunciados escritos.



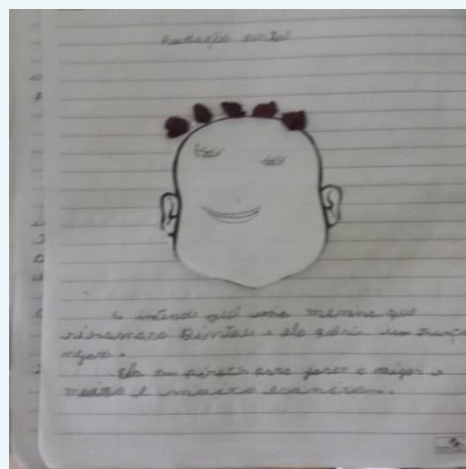
Figura 2



Atividade de produção

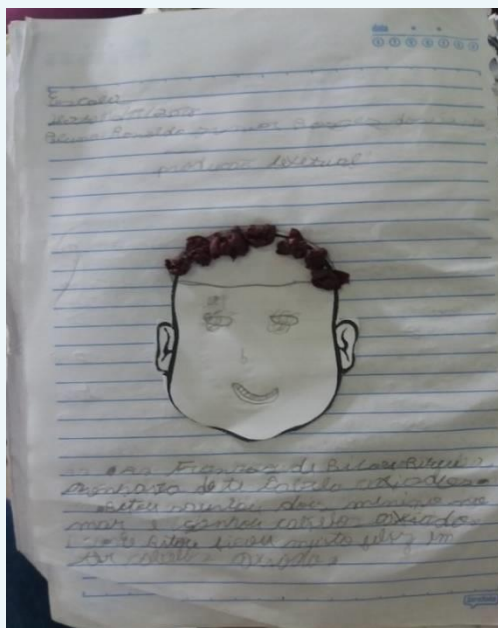
Fonte: Extraído do caderno de estudante do 3º ano do Ensino Fundamental

Figura 3



Atividade de produção

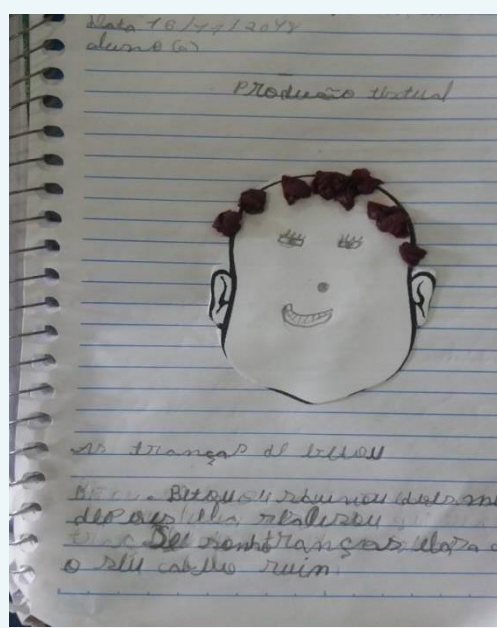
Figura 4



Atividade de produção

Fonte: Extraído do caderno de estudante do 3º ano do Ensino Fundamental

Figura 5



Atividade de produção

De um modo geral os quatro textos selecionados acima deixam claro que os alunos apresentam dificuldades na produção escrita, pois os textos foram escritos com frases soltas e descontextualizadas e constatados vários problemas como: opinião em relação a história, falta de vocabulário elaborado que se usa na linguagem escrita, falta de síntese de ideias,

problemas ortográficos e de pontuação. Isso se deu, pelo fato dos alunos não estarem totalmente alfabetizados ou até mesmo não ter compreendido a história. Também foi observado que ainda ocorre um sentimento de insegurança por parte de alguns alunos, mesmo estando na última unidade do ano letivo.

Kaercher (2010) evidencia que

Os professores precisam ser disseminadores da leitura, proporcionando às crianças textos e atividades de interpretação de qualidade, que possam intervir na formação de cidadãos mais autônomos, críticos e reflexivos. Não basta saber ler. É preciso haver o hábito de leitura, pois é através do exercício prático que se aprende e se amplia o domínio dessa ação. Os professores devem colaborar na formação de alunos leitores, que sejam capazes de analisar os textos lidos, compreendendo os detalhes, visando construir entendimento próprio da leitura (2010, p. 63).

Segundo Drey e Silveira (2010, p. 107) apud Geraldi (2002) “a prática da produção textual na sala de aula foge ao sentido do uso da língua, ou seja, não se caracteriza por uma atividade de comunicação interativa, espontânea e fundamental na necessidade comunicacional do aluno”. As autoras afirmam que a partir deste conceito é necessário repensar a prática de produção de texto em sala de aula trabalhando situações específicas de comunicação social, através do planejamento de atividades de mediação didática, que pode ser realizado pela aplicação de uma sequência didática embasada em um gênero específico.

Sendo assim, é necessário que exista em sala de aula um trabalho bem organizado e planejado, o qual vai está dando oportunidades aos alunos de se tornarem produtores de textos.

Sobre este aspecto Goulart (s/a) corrobora dizendo

Se desejarmos que os alunos leiam criticamente e elaborem textos socialmente válidos, de variados tipos, precisamos trabalhar com textos variados, complexos e com valor social, realizando atividades orais e escritas que os levem a perceber o modo como se constroem diferentes sentidos (s/p).

Neste sentido os alunos devem vivenciar situações diversas de leitura e escrita, nas quais terão a oportunidade de aprender como se tornar um escritor de textos. É na produção de texto que o aluno pode mostrar sua criatividade, sua imaginação, expressar suas idéias, seus sentimentos e deixar sua marca através da linguagem escrita. “A imaginação da criança, estimulada para inventar palavras, aplicará seus instrumentos em todas áreas da experiência que provocarão sua intervenção criativa” (Jolibert, 1994, p. 197).

Segundo Bakhtin 2011 afirma que:

A riqueza e a diversidade dos gêneros discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo (BAKHTIN, 2011, p. 262).

Professor juntamente com o aluno pode constituir novas formas de organizar e entender o mundo. O aluno tem, fundamentalmente, a oportunidade de apropriar-se dos gêneros discursivos, ao mesmo tempo em que adquire novas ideias por meio de textos lidos e das fontes pesquisadas.

De acordo Mold e Costa (2017)

Para exercer as práticas de leitura conjugadas às práticas sociais de interação oral, o professor precisa trabalhar a leitura utilizando diversos gêneros textuais como um artefato para que os alunos possam experimentar de modo escolarizado práticas de leitura que ultrapassam os muros da escola (2017, p. 130).

Neste sentido, para desenvolver a autonomia do educando e aprimorar sua compreensão leitora, é fundamental que o professor utilize estratégias que valorizem a linguagem e a interação na sala de aula que envolve a compreensão do objeto lido e sua utilização nas práticas sociais.

No que se refere ao desenvolvimento da leitura, as autoras Bortoni-Ricardo, Machado e Castanheira (2010) destacam o conceito metafórico de andaime “que se refere a um auxílio visível ou audível que um membro mais experiente de uma cultura pode dar a um aprendiz” (p. 26). O trabalho de andaimes está associado a uma sequências de enunciados que ocorre durante a mediação da fala do professor e as respostas do aluno leitor.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intenção deste artigo foi demonstrar a importância de trabalhar a produção textual numa perspectiva dialógica com a leitura e reflexão, visando ao ensino e à aprendizagem da produção de textos desde cedo, para que o mesmo não chegue ao ensino médio com lacunas na aprendizagem.

O professor tem um papel fundamental como mediador dessas situações didáticas “o professor deve servir como guia do aluno na leitura dos diversos textos, atuando como seu tutor, visto que a leitura deve ser compartilhada, envolvendo tanto aquele que a direciona (professor mediador) como o aluno (agente em todo o processo)” (BORTONI-RICARDO; MACHADO & CASTANHEIRA, 2010, p. 60). Para tanto, ele precisa conhecer profundamente seus alunos para propiciar e mediar situações de interação desafiadoras e



produtivas para todos. O planejamento precisa ser muito bem pensado e elaborado e a avaliação considerando a importância das trocas necessárias para a aprendizagem. Ser mediador é desafiar os alunos em direção ao seu potencial, sempre pensando no seu desenvolvimento.

Concluimos também que a leitura é uma prática muito importante no processo de produção de textos, porque é capaz de tornar o aluno crítico em relação à sociedade, e em consequência, crítico em relação ao que escreve.

## REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília/ DF: MEC, SEF, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. Prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov; introdução e tradução do russo Paulo Bezerra, - 6ª Ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BORTONI-RICARDO, S. M.; MACHADO, V. R.; CASTANHEIRA, S. **Formação do professor como agente letrador**. São Paulo: Contexto, 2010, p. 25-60.

GOULART, Cecília M. A. **A escrita de textos por crianças em processo de alfabetização: aprendendo ciências**. Didática e Prática de Ensino na relação com a Escola. EdUECE- Livro 1 00289, (S/A).

JOLIBERT, Josette. **Formando crianças leitoras**. Vol. I. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

\_\_\_\_\_, Josette. **Formando crianças produtoras de textos**. Vol. II. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

KAERCHER, Gládis Elise da S. Brincando com as palavras e com os livros na escolarização inicial. In: ZEN, Maria Isabel H. Dalla; XAVIER, Maria Luísa M. (Org.) **Alfabe Letrar Fundamentos e Práticas**. Editora Mediação, Porto Alegre, 2010, p. 53-65.

MODL, Fernanda de Castro; COSTA, Fátima Silva da. A escola e a formação de leitores: questões de e para reflexão. In: MARTINS, Angela Maria Gusmão Santos; MODL, Fernanda de Castro. (Organizadoras) **Alfabetização e (m) debate: questões para a formação inicial e continuada do professor**. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2017, p.115 – 133.

SANTOS, Vanessa Cerqueira dos. **A Produção Textual na Escola: eu escrevo, tu escreves, ele escreve... como?** III Seminário de Língua Portuguesa e Ensino. I Colóquio de Linguística, Discurso e Identidade. UESC, Ilhéus, Bahia, 2008.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel; DREY, Rafaela Fetzner. Gêneros textuais nos anos iniciais.  
In: ZEN, Maria Isabel H. Dalla; XAVIER, Maria Luísa M. (Organizadoras) **Alfabe Letrar  
Fundamentos e Práticas**. Editora Mediação, Porto Alegre, 2010, p. 101-118.

ZEN, Maria Isabel H. Dalla. “Eles já estão alfabetizados”: dando continuidade ao processo.  
In: ZEN, Maria Isabel H. Dalla; XAVIER, Maria Luísa M. (Organizadoras) **Alfabe Letrar  
Fundamentos e Práticas**. Editora Mediação, Porto Alegre, 2010, p. 83 -100.